



O assunto do véu tratado à luz das Escrituras Sagradas,
com especial relevo para a revelação do "Mistério",
a revelação que o Senhor glorificado deu ao Apóstolo Paulo
para a Igreja "Corpo de Cristo"

Vítor Pereira do Paço

Rua de Miros, n.º 308

Tel. 227 340 778

Email: <vitor.paco@mail.telepac.pt>

Apartado 135

4501-636 Silvalde ESPINHO

Prefácio

Actualmente discute-se muito o assunto do uso do véu. É claro que, quanto a isso, as mulheres cristãs dividem-se em três grupos:

- (1) As que ignoram o ensino da Palavra de Deus sobre o assunto, mas conformam-se prontamente quando lhes é exposto;
- (2) As que conhecem o que a Palavra de Deus ensina, mas são negligentes em obedecer;
- (3) As que não crêem que a Palavra de Deus ensina que as mulheres devem ter a cabeça coberta e, provavelmente, não estariam dispostas a obedecer se cressem.

Espero que as considerações que se seguem possam ajudar as que desejam ser esclarecidas.

- J. R. L.

In “O Embaixador”, Volume 6, N.º 4, Fevereiro/Março, 1990.

Introdução

Textos do Velho Testamento:

Gênesis 20:16; 24:65; 38:14; Êxodo 26:31, 33, 35; 34:33-35; 40:3; Números 4:5; Cântico 4:1.3;

Textos do Novo Testamento:

Mateus 27:51; Marcos 15:38; Lucas 23:45; I Coríntios 11:1-16; II Coríntios 3:13-16; Hebreus 6:19; 9:6; 10:20;

O véu tem sido um dos assuntos que mais controversa tem trazido ao seio da cristandade e, de alguma forma geral, influenciado o entendimento e comportamento de muitos crentes sinceros. Podemos dizer que o assunto do véu tem uma cobertura densa que não deixa a qualquer um ver o seu interior. É um véu com o seu próprio véu. E, se esse véu não for removido, a compreensão dos santos será obstruída para ver o que está para além dele: o Senhorio de Cristo e a glória de Deus.

As passagens que temos apresentado no cabeçalho dão-nos alguma luz para explicar a finalidade do uso do véu quando as mulheres oram ou escutam/falam da Palavra de Deus e em particular no culto cristão. Para a igreja “Corpo de Cristo” o véu toma um relevo e um significado muito mais amplo pela descrição de I Coríntios 11:1-16. A beleza deste *véu* é, ainda, colorida pelas várias passagens que encontramos no chamado Novo e Velho Testamentos, dando-nos sombras, imagens ou mesmo raios luminosos para a sua compreensão.

Será oportuno, antes de mais, e face aos argumentos utilizados por inúmeros ensinadores modernos, para justificar o abandono do véu, dizer que tais interpretações estão baseadas em conceitos e em critérios que têm servido a muitos para desculpar incontáveis desvios da verdade, colocando na **boca de Deus**, o que Deus não disse! Assim, e por esse facto, este assunto deve ter, primeiramente, um enquadramento geral nas Escrituras Sagradas, para saber a sua origem; depois conhecer os diversos significados da sua utilização ao longo dos tempos; por fim, saber qual o propósito no uso do véu no quadro actual da Igreja, e, daí, fazermos uma aplicação prática, consciente e razoável desse ensino. Doutra maneira, cairemos nos erros que a cristandade tem caído a título de inúmeros pretextos, porque, como é dizer-se, *“um texto fora do seu contexto servirá para desculpar um grande pretexto”*.

Ora por opiniões já formadas, ou mesmo por valores e pressões que se elevam acima da verdade, os doutores modernos das Escrituras recorrem inúmeras vezes a interpretações tão diversas que pergunto: onde se encontra a Bíblia? As culturas da época, os rituais, as tradições, os usos e costumes, os princípios das diferentes épocas, questões pessoais, tudo tem servido para fundamentar posições que contrariam um texto que está claramente revelado, abundantemente justificado e profundamente fundamentado.

Deus não deixou a interpretação da Sua Palavra ao critério dos teólogos que se encontram divididos pelas diversas correntes escolares da sabedoria humana. Só Aquele que inspirou a Escritura é capaz de dar a sua interpretação autêntica: **O Espírito Santo**. Se não entendermos as Escrituras tal e qual como nos foram reveladas poremos em causa toda a sua veracidade, exceptuando-se claro, as coisas que nelas estão ocultas, cujo conteúdo é do conhecimento exclusivo de Deus (Deuteronómio 29:29).

Qual é a razão de ser do véu? Qual é o seu fundamento? Qual é o seu propósito? Qual é o sentido do véu? O véu deve ser usado hoje? São questões que nos propomos tratar no seguimento do presente estudo e oramos a Deus para que Ele nos dê o Seu entendimento e a graça de o pormos em prática com toda a fidelidade.

O Véu Na Escritura

Para entendermos o assunto do véu e a sua importância para os fieis da Igreja “Corpo de Cristo” é imprescindível que saibamos substancialmente qual é o seu sentido, quais os seus fundamentos e qual o propósito em usá-lo.

Este assunto tem, de alguma forma, sido contestado porque não tem sido correctamente estudado, de forma que, uma consideração superficial dele conduz às mais diversas interpretações, sendo muitas delas ofensivas ao senso de Deus e ao pudor humano. Como dizia o Apóstolo:

«Julgai entre vós mesmos: é decente...?» (I Coríntios 11:13)

Por outro lado, este assunto tem sido erradamente denominado de “véu”! Na realidade o tema tratado pelo Apóstolo, por instrução divina para a Igreja “Corpo de Cristo”, tem a ver com dois véus, tratados em função do seu motivo: o véu natural e o véu artificial. Sendo que, o véu artificial é considerado sob a perspectiva do Senhorio de Cristo, e o véu natural é abordado sob a vertente da glória de Deus.

As razões para o uso do véu estão perfeitamente identificadas no texto que nos propomos estudar, e que são: o Senhorio de Cristo e a glória de Deus. Se lermos o texto sem estas duas premissas em mente nunca entenderemos o que o Apóstolo expõe ali. E isso está subentendido no facto que passamos a citar:

«O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus...» (Idem, 11:7)

Em que a imagem se relaciona com a autoridade de Cristo e a glória com a glória de Deus. E é nestas duas vertentes que os véus são revelados para a Igreja, já que, são os crentes, como membros da Igreja “Corpo de Cristo”, que devem revelar no tempo presente o Senhorio de Cristo e a glória de Deus.

O Significado do Véu

Nas Escrituras o véu encontra-se sempre identificado com a ocultação de alguma coisa. O véu é um instrumento de encobrimento, e serve para esconder algo que não pode ou não deve ser manifestado.

O Véu no Propósito de Deus

Quando examinamos o assunto do véu somos conduzidos ao conselho de Deus, ao momento em que o Senhor pensou na criação do homem. Ali Deus estabeleceu um plano, uma ordem, uma hierarquia, como a vemos retractada na revelação dada a Paulo para a Igreja “Corpo de Cristo”, e está definida na seguinte formula:

«Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo.» (I Coríntios 11:3).

Por is so, quando tratamos o assunto do véu, vemos que a sua importância é maior do que aparenta porque esse instrumento serve para reflectir uma realidade maior e mais sublime que um simples corte de cabelo, ou uma peça mais ou menos colorida que cobre a cabeça de uma mulher. Esse gesto reflecte, acima de tudo, a sujeição pessoal da mulher crente que usa o véu, que por sua vez, reflecte o espírito de sujeição de toda a Igreja local a Deus, que, por sua vez, também, reflecte a posição de sujeição da Igreja espiritual e universal “Corpo de Cristo”, que está assentada nos lugares celestiais, a Cristo.

«Cristo, a Cabeça...» é uma figura que é utilizada para o Senhor Jesus Cristo no quadro da revelação do Mistério. O Senhor é representado de múltiplas formas para com o seu povo. No entanto, essa imagem de cabeça é exclusiva da revelação da Graça de Deus (Efésios 1:22; 4:15; 5:23). De forma que, o tema do véu, nos termos como estão descritos no citado parágrafo de I Coríntios 11:1 a 16, tem tudo a ver com a posição da mulher no quadro da revelação da Igreja “Corpo de Cristo”.

Entretanto, devemos examinar o Texto Sagrado e examiná-lo desde o primeiro versículo. Paulo diz:

«Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo.» (I Coríntios 11:1).

Nestas palavras do Apóstolo nós temos a forma sagrada como devemos encarar o assunto. Elas servem de conclusão do parágrafo anterior, mas, também, servem de introdução e rampa de lançamento para o tema que ela passa a expor.

«Deve ser observado que o apóstolo não diz: “sede meus imitadores como eu sou de **Jesus**”, mas, “sede meus imitadores, como também eu, de **Cristo**”. O nome “Jesus “ era o nome pelo qual o Senhor era conhecido entre os Judeus, o nome da sua humanidade e, por isso, relaciona-o com o programa de Deus para Israel, para a Terra e para o Reino Messiânico, no cumprimento da Profecia. Era o Senhor visto segundo a carne, conforme é referido em II Coríntios 5:16. Mas o nome “Cristo” tem a ver com a sua exaltação, com a sua glorificação, com o nome que o Pai lhe deu, “acima de todo o nome que se nomeia” (Filipenses 2:9). De forma que, este assunto tem tudo a ver com o Plano de Deus em Cristo, relativamente à vivência prática e terrena dos membros do seu corpo, enquanto peregrinos neste mundo.» (CRS, Adaptado)

Paulo sempre se pautou por uma conduta que estava de acordo com a revelação que o Senhor lhe havia dado. Ele adoptou o modelo de vida que faz parte do Plano da Graça de Deus para os crentes enquanto seus embaixadores neste mundo. Ele *andava segundo a vocação com que fora chamado* (Efésios 1:18; 4:1), de forma que ele se tornou

exemplo para todos aqueles que iriam ser salvos com a mensagem da graça (I Timóteo 1:15-17). E, reitero, o assunto exposto neste parágrafo da Palavra de Deus tem tudo a ver com a postura dos membros do “Corpo de Cristo” neste mundo: seja homens, seja mulheres: uns de uma maneira e outros doutras, segundo o critério do Plano glorioso de Deus.

O Véu na Criação do Homem

Um dos motivos da razão de ser do véu tem a ver com a criação do homem. O Espírito Santo nos conduz ao momento em que Deus disse:

«E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine...» (Gênesis 1:26).

Pode ser surpreendente para o leitor distraído a referência que é feita a Adão, mas de facto não é. Adão foi criado segundo um modelo que Deus já tinha definido no Seu conselho: “O Cristo de Deus” (Colossenses 3:10-11). Adão apontava, como figura, para o verdadeiro Adão de Deus, o verdadeiro Homem: o Senhor Jesus Cristo, que viria a ser constituído cabeça da Igreja, corpo místico de Cristo.

«No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual é a figura daquele que havia de vir.» (Romanos 5:14)

Por isso o Senhor é chamado de Segundo Homem e de último Adão:

«O primeiro homem, da terra, é terreno; o segundo homem, o Senhor, é do céu.» (I Coríntios 15:47);

«Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. (...) Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão, em espírito vivificante.» (I Coríntios 15:22, 45)

O plano da Graça de Deus visa restaurar espiritualmente a descendência de Adão à sua condição original: a perfeita comunhão com Deus. E, de acordo com o Evangelho da Graça de Deus, tudo o que perdemos em Adão, alcançamos, de forma superabundante, em Cristo (Romanos 5:14-21). Por isso, o Evangelho da Graça de Deus conduz-nos até Adão. Enquanto que, o Evangelho do Reino do Reino transporta a sua mensagem até aos concertos celebrados com Abraão e com Davi (Mateus 1:1), o Evangelho da Graça de Deus conduz a sua mensagem até Adão.

O Véu na Criação da Mulher

No seguimento deste processo, aquando da criação do homem e da formação da mulher, observamos que o véu continuava a fazer parte do propósito de Deus para a relação Deus/homem/mulher:

«Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelo crescido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu.» (I Coríntios 11:14-15)

Assim:

«O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão. Porque o varão não provém da mulher, mas a mulher, do varão. Porque também o varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher, por causa do varão.» (Idem, 11:7-8)

E este aspecto compreende-se porque os nossos primeiros pais – Adão e Eva – são, eles mesmos, e em si, a reprodução humana daquela relação sublime e gloriosa de Cristo e Igreja:

«Vós, mulheres, sujeitai-vos a vosso marido, como ao Senhor; porque **o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja**, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seu marido.

Vós, maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela... **porque somos membros do seu corpo.**

Por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e **serão dois numa carne.**

Grande é este mistério; **digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja.**»

(Efésios 5:22-32)

Desta forma, o Apóstolo ao basear as suas considerações na relação Adão/Eva e Cristo/Igreja, indica que o assunto do véu é um assunto da unidade da Igreja. E, se por alguma razão, um elo desta unidade for quebrado, todo o corpo sofrerá, inclusivamente a sua Cabeça, que é Cristo.

Numa outra perspectiva este véu poderia ser chamado de “**Véu da Inocência**”, porque no seu estado de pureza a sua nudez lhes estava oculta, e não tinham vergonha:

«Então, foram abertos os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus; e coseram folhas de figueira, e fizeram para si aventais. E ouviram a voz do SENHOR Deus, que passeava no jardim pela viração do dia; e escondeu-se Adão e sua mulher da presença do SENHOR Deus, entre as árvores do jardim. E chamou o SENHOR Deus a Adão e disse-lhe: Onde estás? E ele disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me. E Deus disse: **Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?**» (Gênesis 3:7-11).

Aos olhos de Deus, e por causa do pecado, se a mulher não usar véu quando for à Sua presença, está a manifestar a sua nudez, que é uma vergonha para Ele. Essa imagem é tirada do versículo 5.

O Véu da Sujeição

Por causa do pecado o Senhor dá um novo sentido ao uso do véu: o véu da sujeição da mulher ao varão:

«E à mulher disse: **Multiplicarei grandemente a tua dor e a tua Conceição; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará.**» (Gênesis 3:16)

«Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido.» (Romanos 7:2)

Ver, ainda, os versículos atrás citados de Efésios 5:22-32.

«A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.» (I Timóteo 2:11-14)

Assim, quando o Apóstolo Paulo nos faz a narrativa do uso do véu, ele reporta-se, primeiramente, a um período muito anterior a Adão, ou seja, a Deus e Cristo; depois, transporta-nos ao período e aos critérios da Criação de Deus, antes da mulher (*o homem criado à imagem de Deus*); depois, somos conduzidos ao período do homem na sua relação com a mulher, antes da queda; e, ainda depois, é feita uma abordagem ao tempo do homem após a sua queda, em que a hierarquia anteriormente estabelecida é progressivamente confirmada e reforçada. Por fim, e no contexto da revelação do Mistério, o Apóstolo deixa de olhar para trás para nos transportar para o futuro, para a relação eterna entre Cristo e a Igreja no Plano da Vocação Celestial da Graça de Deus.

Temos, assim, uma posição de sujeição em razão de hierarquia, de natureza, de circunstância e de propósito. E essa posição é demonstrada pela utilização de um véu, para que os assistentes – na exposição de Paulo são os anjos – glorifiquem a Deus e aprendam da igreja essa mesma atitude de sujeição.

«Portanto, a mulher deve ter sobre a cabeça sinal de poderio, [por causa dos anjos](#).» (Idem, 11:10)

Assim, para a **mulher cristã** proteger a sua postura e a sua dignidade, dando uma verdadeira imagem de exemplo de sujeição a Deus, deverá usar uma cobertura como sinal para o mundo e para os seres espirituais – sob a influência dos quais caiu em pecado.

De forma que, quando vier a tentação, ou o momento de alguma obrigação, a sua decisão estará sempre dependente de alguma autoridade, e poderá revelar, pela graça de Deus, que a sua atitude agora é diferente da dos anjos caídos, ou da nossa mãe Eva.

A lei previa já essa situação de autoridade: ou aos pais, ou aos maridos:

«Também quando uma mulher fizer voto ao SENHOR, e com obrigação se ligar em casa de seu pai na sua mocidade; e seu pai ouvir o seu voto e a sua obrigação, com que ligou a sua alma, e seu pai se calar para com ela, todos os seus votos serão válidos, e toda obrigação, com que ligou a sua alma, será valiosa. Mas, se seu pai se opuser no dia em que tal ouvir, todos os seus votos e as suas obrigações, com que tiver ligado a sua alma, não serão válidos; mas o SENHOR lho perdoará, porquanto seu pai lhos vedou. E, se ela tiver marido e for obrigada a alguns votos ou dito irreflectido dos seus lábios, com que tiver ligado a sua alma; e seu marido o ouvir e se calar para com ela no dia em que o ouvir, os seus votos serão válidos; e as suas obrigações, com que ligou a sua alma, serão valiosas. Mas, se seu marido lho vedar no dia em que o ouvir e anular o seu voto a que estava obrigada, como também a declaração dos seus lábios, com que ligou a sua alma, o SENHOR lho perdoará. No tocante ao voto da viúva ou da repudiada, tudo com que ligar a sua alma sobre ela será válido.» (Números 30: 3-9).

As viúvas, como os órfãos, têm uma protecção especial do Senhor, porque estão sem uma autoridade e protecção visíveis, e o Senhor é a sua protecção.

Alguns perguntarão: Mas isso não é judaísmo?

Bem, sobre isso nos referiremos mais adiante, em local próprio.

Desta forma, as mulheres ao usarem uma cobertura sobre a sua cabeça, estão a ocultar a insujeição revelada em Génesis 3, quando deu ouvidos à Serpente sem a dependência de seu marido.

Por isso, e por muito que os ensinadores modernos das Escrituras queiram basear as suas considerações em costumes judaicos, a verdade é que o verdadeiro fundamento do véu está para aquém da criação do homem ou da formação da mulher, muito antes da constituição de qualquer costume, e está para muito mais além de qualquer razão humana: a relação eterna entre Cristo e a Igreja de que a Igreja local, o lar e o homem e a mulher em si são representações.

O Véu da Glória

No Velho Testamento a glória de Deus estava ocultada por um véu. O Senhor queria manifestar-se livremente no meio do seu povo mas não podia por causa do pecado do homem. Por isso o Senhor mandou fazer um véu que ocultasse a sua glória:

«Depois, [farás um véu](#) de pano azul, e púrpura, e carmesim, e linho fino torcido; com querubins de obra-prima se fará. E o porás sobre quatro colunas de madeira de cetim cobertas de ouro, sobre quatro bases de prata; seus colchetes serão de ouro. Pendurarás o véu debaixo dos colchetes e meterás a arca do Testemunho ali dentro do véu; e este véu vos fará separação entre o santuário e o lugar santíssimo.» (Êxodo 26:31-33)

Um dia, quando o Senhor restaurar todas as coisas, não mais haverá lugar a templo ou a véu, pois o Senhor habitará no meio do seu povo:

«E tinha a glória de Deus. A sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspé, como o cristal resplandecente.

«E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor, Deus Todo-poderoso, e o Cordeiro. E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada.» (Apocalipse 21:11, 22-23)

Entretanto, por causa do pecado, o homem natural está destituído da glória de Deus:

«Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus.» (Romanos 3:23)

O pecado é um véu que não nos deixa ver a glória de Deus.

Uma demonstração disso foi quando Moisés subiu ao monte e esteve com Deus quarenta dias e quarenta noites. Ele foi absorvido pela glória de Deus, de forma que, quando desceu do monte o seu rosto resplandecia a glória de Deus.

«E esteve Moisés ali com o SENHOR quarenta dias e quarenta noites; não comeu pão, nem bebeu água, e escreveu nas tábuas as palavras do concerto, os dez mandamentos. E aconteceu que, descendo Moisés do monte Sinai (e Moisés trazia as duas tábuas do Testemunho em sua mão, quando desceu do monte), Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, depois que o SENHOR falara com ele. Olhando, pois, Arão e todos os filhos de Israel para Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandecia; pelo que temeram de chegar-se a ele. Então, Moisés os chamou, e Arão e todos os príncipes da congregação tornaram a ele; e Moisés lhes falou. Depois, chegaram também todos os filhos de Israel; e ele lhes ordenou tudo o que o SENHOR falara com ele no monte Sinai. Assim, acabou Moisés de falar com eles e tinha posto um véu sobre o seu rosto. Porém, entrando Moisés perante o SENHOR, para falar com ele, tirava o véu até que saía; e, saindo, falava com os filhos de Israel o que lhe era ordenado. Assim, pois, viam os filhos de Israel o rosto de Moisés e que resplandecia a pele do rosto de Moisés; e tornava Moisés a pôr o véu sobre o seu rosto, até que entrava para falar com ele.» (Êxodo 34:28-35)

É claro que esta glória reflectia uma faceta de Deus e do seu propósito consagrado na Aliança Mosaica, que tinha um carácter transitório:

«E não somos como Moisés, que punha um véu sobre a sua face, para que os filhos de Israel não olhassem firmemente para o fim daquilo que era transitório. Mas os seus sentidos foram endurecidos; porque até hoje o mesmo véu está por levantar na lição do Velho Testamento, o qual foi por Cristo abolido. E até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre o coração deles.» (II Cor. 3:13-15).

Mas, na plenitude dos tempos...

«Mas vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para remir os que estavam debaixo da lei, a fim de recebermos a adopção de filhos.» (Gálatas 4:4-5)

«E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade.» (João 1:14)

Na Plenitude dos tempos, Alguém que pertencia ao outro lado do véu, veio a este lado, faz-se homem, para remover este véu: o véu do pecado, e assim, termos acesso à glória de Deus:

«Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus...» (I Coríntios 5:21)

E, assim...

«O véu do templo se rasgou em dois, de alto a baixo...» (Mateus 27:51; Marcos 15:38; Lucas 23:48).

E o caminho do santuário e da glória de Deus nos foi aberto:

«Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne» (Hebreus 10:19-20)

Aquele véu foi removido na pessoa de Cristo, porque Ele foi feito pecado por nós e o véu do seu corpo foi rasgado de alto a baixo pelo golpe da justiça de Deus.

Porém, a glória do Senhor Jesus Cristo não é uma glória transitória, como a glória de Moisés; a glória do Senhor Jesus Cristo é uma glória perene; é uma glória que não pode ser ocultada.

Depois de concluída a sua obra o Senhor voltou para dentro do véu... e está oculto aos olhos do mundo.

«E, agora, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, com aquela glória que tinha contigo antes que o mundo existisse.» (João 17:5)

De momento, e enquanto o Senhor não nos chamar para a sua presença, podemos olhar pela fé, e ver a glória de Deus que está para além do véu:

«Pelo que, querendo Deus mostrar mais abundantemente a imutabilidade do seu conselho aos herdeiros da promessa, se interpôs com juramento, para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos a firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta; a qual temos como âncora da alma segura e firme e que penetra até ao interior do véu, onde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito eternamente sumo-sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque.» (Hebreus 6:17-20).

«Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus...» (Hebreus 2:9)

E podemos-nos gloriar na glória que anteriormente tínhamos e da qual estávamos destituídos:

«Sendo, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes; e nos gloriamos na esperança da glória de Deus.» (Romanos 5:1-2)

Como constatamos, o assunto do véu não é um tema exclusivo da Igreja “Corpo de Cristo”. Ele já era usado por outros crentes em outras épocas. No entanto, é na “revelação do Mistério” que ele toma um significado mais amplo, mais profundo e mais sério. Com a Igreja “Corpo de Cristo” o Senhor quer revelar aquilo que falhou com o propósito da relação Adão/Eva e Messias/Israel, a plena manifestação da sua autoridade e da sua glória.

Passemos ao significado e fundamentos do véu:

O Véu e o Senhorio de Cristo

Em I Coríntios 11:3 temos a explicação de um dos sentidos do véu: O Senhorio de Cristo.

**“Cristo é a cabeça de todo o varão,
O varão é a cabeça da mulher
E Deus a cabeça de Cristo.”**

Quero que o leitor saiba que o assunto aqui tratado não diz respeito a qualquer relação de valores, ou a qualquer tipo de categorias ou classes, mas a uma hierarquia disciplinar e a uma ordem estabelecida por Deus. A cabeça não é superior aos pés, nem é mais que o corpo; tem sim, uma função distinta, e é imprescindível ao corpo. Deus não é a cabeça de Cristo por ser superior a Ele; Ele é Deus juntamente com o Pai e o Espírito Santo. Mas por uma questão de ministérios e de ordem foi assim estabelecido e é assim que está revelado. A cabeça sem o corpo nada seria, não existiria. No caso de varão, este não é cabeça da mulher por ser superior a ela, **“pois o homem é nada sem a mulher e a mulher é nada sem o varão, porque como a mulher provém do varão, o varão provém da mulher: mas tudo vem de Deus”** (1Cor.11:11-12). Ambos fazem parte de uma unidade eclesial. Mas por uma questão de ordem e de disciplina está assim revelado e é assim que deve ser obedecido.

Se o véu se identifica e é usado para cobrir alguma autoridade, a cabeça é essa autoridade.

Num culto cristão temos três cabeças reunidas: Deus, Cristo e o varão, em que Deus é a cabeça de Cristo, Cristo é a cabeça do homem, e o homem é a cabeça da mulher. Se temos aí cabeças, temos então autoridades: Deus a autoridade de Cristo, que é revelada por Cristo ao homem e no homem: ou seja, a autoridade de Cristo em relação ao varão; e a autoridade do homem em relação à mulher. Se o homem quer revelar a autoridade de Cristo, não deve esconder essa autoridade, não deve cobrir a sua cabeça, porque a sua cabeça tipifica Cristo. Mas (v. 5), no caso da mulher é diferente: se ela não cobrir a sua cabeça, que tipifica o varão, então fica a descoberto a autoridade humana, que é o varão, e por conseguinte, duas autoridades estão em evidência: a de Cristo, na cabeça descoberta do varão, e a humana na cabeça descoberta da mulher, as quais se opõem e se chocam.

Este tipo de comportamento está tipificado na igreja de Tiatira, descrita em Apocalipse 2:20-24, onde a mulher é que toma a liderança da igreja, manifestando a insubordinação humana à autoridade divina, e por cuja razão é severamente repreendida pelo Senhor. Não nos queiramos identificar com esse tipo de igreja reprovável; preocupemo-nos em revelar a autoridade de Cristo e de Deus nos nossos cultos.

Ora, a mulher ao orar ou a profetizar com a cabeça descoberta, está a revelar que o varão, sua cabeça típica, não está no culto sujeito a Cristo; a cabeça descoberta da mulher revela a autoridade do varão no culto, e essa autoridade colide com a autoridade de Cristo, porque ou há-de presidir a autoridade de Cristo ou a autoridade humana. Por isso temos ensino para que a mulher cubra a sua cabeça, porque com essa atitude está tipicamente a cobrir a autoridade do varão, representada na cabeça, e faz-lo com um véu típico também – ***uma cobertura***. Com esta atitude a mulher está a assinalar às hostes espirituais que a observam, que a mulher crente não é mais aquela mulher infiel e insujeita que no princípio pecou (I Coríntios 11:10; 4:9). Está, ainda, a revelar que a mulher, como reflexo de toda a igreja local reunida, está sujeita à sua cabeça: o varão, a autoridade de Cristo.

Contudo a mulher no culto deve estar também sujeita ao varão, e não somente o varão sujeito ao Senhor. As mulheres devem estar caladas nas igrejas. Não lhes é permitido falar. Devem aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não podem doutrinar nem usar de autoridade sobre o varão, mas permanecer em silêncio.

«As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja.» (I Coríntios 14:34-35); e:

«A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão.» (I Timóteo 2:11-15).

Penso que, relativamente a este aspecto, esta palavra não quer dizer que a mulher não possa cantar juntamente com toda a igreja, ou dizer um “amén”, etc., Mas deve fazê-lo com todo o cuidado para não transparecer qualquer sentido de autoridade ou de insubordinação diante dos anjos. Isso seria uma ofensa à autoridade de Deus e uma desonra para o nome de Deus. Mais que isso, seria uma manifestação de rebelião contra Deus.

Assim, ser-lhe-á permitido dizer um “amén” ou cantar juntamente com toda a igreja sem dar um sentido de insujeição cobrindo a cabeça. E, desta forma, revela um espírito de sujeição, podendo dizer em si mesma: “*eu estou sujeita a Deus; canto, mas não deixo de manifestar a minha sujeição à autoridade instituída por Deus, e assinalo-o com a minha cabeça coberta*”.

Paulo apresenta três razões para explicar a atitude de sujeição, e considera-as como três princípios ou três leis:

1. O homem foi criado primeiro e depois a mulher. Esta é a **lei natural** (I Coríntios 11:8-9);
2. Adão não foi enganado, mas a mulher sendo enganada caiu em transgressão – **Lei Espiritual** (I Timóteo 2:14; Génesis 3:16);
3. Elas estejam sujeitas, como assim ordena a Lei. Esta é a **Lei Cerimonial** e pode referir-se aos princípios do Velho Pacto (I Coríntios 14:34-35).

Estes são os fundamentos para o uso do véu: A autoridade de Cristo. A mulher representa a autoridade humana e, por isso, deve cobrir-se. E, em todos os momentos em que esteja orando ou lendo a Palavra de Deus deve cobrir-se. No culto cristão, esse gesto revela o espírito de toda a igreja diante de Deus: sujeição à autoridade de Cristo. É uma atitude que reflecte mais que a realidade visível: reflecte o espírito de humildade e de sujeição a Deus e ao Senhor Jesus Cristo.

Esta autoridade reporta-se ao momento que Deus delineou este propósito, e quando estabeleceu que o Senhor Jesus Cristo seria cabeça da Igreja “Corpo de Cristo”. Este assunto, contrariamente ao que muitos ensinadores modernos dizem, não está baseado em qualquer costume, mas reporta-se à eternidade, à criação do homem e à queda do homem.

O propósito do uso do véu tem a ver com os anjos.

“**As mulheres devem ter sobre as suas cabeças sinal de poderio (autoridade) por causa dos anjos**” (v.10)

Os anjos são os principais observadores do culto cristão. Através da Igreja eles aprendem, agora, – e muito mais no futuro – as “**multiformes e riquezas da sabedoria de Deus**” (Efésios 3:10), e as “**abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para connosco em Cristo Jesus**”, (Idem, 2:7), demonstradas na salvação e na glorificação da Igreja “Corpo de Cristo”.

Este tipo de sinal ou mensagem é ainda demonstrado na celebração da ceia do Senhor:

«**Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha.**» (I Coríntios 11:25-26)

É claro que, como já vimos, esta mensagem não é dirigida propriamente para os infiéis, já que eles nada entendem das coisas do Espírito de Deus (I Coríntios 2: 14). Esta mensagem é para os anjos, assim como o véu.

O Véu e a Glória de Deus

O assunto do véu pode ser estudado sob outra perspectiva: A Glória de Deus.

«O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus» (I Coríntios 11:7).

Este texto sagrado apresenta-nos as duas vertentes do mesmo assunto: imagem e glória. Repito: Imagem e Glória. Não diz “imagem da glória”, mas imagem e glória. Duas realidades distintas.

Já vimos o fundamento da imagem, que é a autoridade de Deus; agora iremos ver o fundamento da Glória de Deus.

Este é, provavelmente, o aspecto mais fundamentado do assunto que estamos a tratar. Toda a exposição do Apóstolo gira à volta dele: a glória ou honra **versos** vergonha ou indecência. Vejamos as referências feitas:

«Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta, **desonra** a sua própria cabeça. Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta **desonra** a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosque-se também. Mas, se para a mulher é coisa **indecente** tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu. O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e **glória de Deus**, mas a mulher é a **glória do varão**... Julgai entre vós mesmos: é **decente** que a mulher ore a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza que é **desonra** para o varão ter cabelo crescido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é **honroso**, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu.» (I Coríntios 11:4-15)

Assim, somos deparados com a glória ou desonra de Deus e glória ou vergonha humana. Consideremos as suas manifestações:

Quando a Assembleia dos santos se junta, nela estão manifestadas quatro glórias: a glória de Deus que é Cristo; a glória de Cristo que é o homem; a glória do homem que é a mulher; e a glória da mulher que é o cabelo.

No entanto, nós lemos:

«E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são para aniquilar as que são; para que nenhuma carne se glorie perante ele.» (I Coríntios 1:28-29); e:

«Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie.» (Efésios 2:8-9); e, ainda:

«Por amor de mim, por amor de mim, o farei, porque como seria profanado o meu nome? **E a minha glória não a darei a outrem.**» (Isaías 48:11).

Estas palavras sagradas indicam exactamente que é impensável a coabitação da Glória de Deus com a glória humana. As duas glórias colidem. A Glória de Deus assenta na sua santidade, no seu poder, na sua autoridade, e no cumprimento da sua Palavra. A glória humana assenta no pecado, na rebelião de Satanás e das suas hostes, no pecado de rebelião do homem e de todos aqueles que permanecem no pecado. E, onde estiver a glória humana a glória de Deus não se pode manifestar.

Por essa razão é que Paulo descreve o comportamento que o povo de Deus deve ter quando se junta para orar e para anunciar a Palavra de Deus, em virtude de, nela, se manifestar a glória de Deus: cobrir toda a glória humana.

O homem não deve cobrir a cabeça porque é a manifestação da glória de Deus:

«O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão.» (v. 7)

A Glória do Homem

Mas a mulher, porque é a glória do homem – uma glória humana, natural – deve cobrir a sua cabeça:

«... Mas a mulher é a glória do varão.» (Idem, 11:7)

A mulher cobrindo a cabeça está a cobrir a glória que ela é: o varão. Dessa forma, cobrindo-se, está a cobrir a glória humana e a glória de Deus não encontra qualquer impedimento para se manifestar. E, como a mulher é uma glória natural para o homem, o véu que deve ser usado para cobrir essa glória é o véu natural: o seu cabelo.

«Ou não vos ensina a mesma natureza que é desonra para o varão ter cabelo crescido? Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu.» (Idem, 11:14-15)

A Glória da Mulher

No entanto, a mulher quando deixa crescer o seu cabelo este passa a ser a sua glória, como o texto diz:

«Mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso» (Idem, 11:14-15)

Ou seja, a mulher ter o cabelo crescido é para ela uma glória!

Com isto, o assunto que parecia resolvido cria-nos mais um entrave para a manifestação da Glória de Deus, que é a glória da mulher. Assim, e com a manifestação da glória da mulher no ajuntamento dos crentes nós seremos privados da manifestação da glória de Deus. De forma que, num tal ajuntamento, se a glória humana se manifestar, seja do homem seja da mulher, esse ajuntamento será uma vergonha para Deus, pois os anjos que estão a apreciar a forma como os remidos se juntam para dar glória a Deus, vêm nessa manifestação uma autêntica desonra para o nome de Deus.

Que fazer, então?

Para solucionar esta questão o Apóstolo fala de um outro véu: o véu artificial, uma cobertura.

«Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça, porque é como se estivesse rapada. Portanto, se a mulher não se cobre com véu, tosquie-se também. Mas, se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou rapar-se, que ponha o véu. O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus, mas a mulher é a glória do varão.» (Idem, 11:5-7)

Nesta exposição o Apóstolo não pode estar a falar do véu natural, pois diz: “se não usar a cobertura deve rapar-se”! E, se a cobertura é o cabelo, o que ela poderá rapar se não tiver cabelo?! Seria absurdo. E, se o cabelo fosse véu, como é que o varão poderia orar de cabeça descoberta? Teria de rapar a cabeça sempre que fosse orar ou ler a Escritura. Por isso o escritor só pode estar a falar de um véu artificial, de uma cobertura.

E neste quadro, e nesta ordem de ideias as coisas fazem sentido, o véu faz sentido, as razões do véu fazem sentido, tudo faz sentido. Contrariamente a isso, o que não faz sentido são as razões e as justificações impróprias e infundadas que os ensinadores modernos e liberais das Escrituras levantam para desencorajar o uso do véu.

Na referida passagem Paulo descreve os desvios que alguns queriam introduzir naquela igreja e que comprometiam a glória de Deus, uma vez que colidia com a glória humana dos coríntios. Infelizmente, tal

comportamento não difere do que acontece nos nossos dias. Como consequência disso, algumas irmãs usam cabelo curto, outras não usam véu, outras usam o cabelo curto e o véu; outras, ainda, usam o cabelo comprido sem véu; e, ainda outras, usam o cabelo curto sem véu... entre outras formas de apresentação, o que revela a grande confusão e desorientação que existe nas igrejas destes últimos dias. E com essa desordem assiste-se a uma verdadeira ausência da Glória de Deus.

Uma Ilustração da Manifestação da Glória de Deus

A manifestação da glória de Deus no tabernáculo primeiramente, e no templo mais tarde, apresentava-se como uma sombra da realidade espiritual que ocorre com a formação da Igreja “Corpo de Cristo”. Agora de uma forma mais elevada e espiritual Deus quer revelar a sua glória na igreja. Ora, onde a glória de Deus está presente, nunca poderá haver lugar para a manifestação da glória do homem. Foi por isso que, **“quando a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória de Deus encheu o tabernáculo”** (Exe. 40:34), Moisés não pôde entrar na tenda da congregação, **“porquanto ... a glória de Deus enchia o tabernáculo”**, (v. 35). E o mesmo se diga em relação à igreja: uma vez que a glória do Senhor está presente no ajuntamento dos santos, não deve manifestar-se outra glória que não seja a Glória de Deus.

«A esse [glória na igreja](#), por Jesus Cristo, em todas as gerações, para todo o sempre. Amém!» (Efésios 3:21).

Notemos o que Paulo diz em I Coríntios 11:7:

“A mulher é a glória do varão”.

Se, portanto, ela é uma glória, como pode estar na presença de Deus sem chocar com a glória de Deus que se encontra presente? Então Paulo afirma que **“o cabelo crescido lhe foi dado em lugar do véu”** (v.15). Isto resolve o problema, pois o seu cabelo comprido, que é um véu natural dado por Deus, cobre a glória natural que ela é. Uma vez assim coberta a glória natural que ela é, não entra mais em conflito com a glória de Deus.

Pois bem, se é verdade que a glória que a mulher é, é coberta com o seu cabelo comprido, não é menos verdade que o seu cabelo comprido é, em si mesmo, uma glória, a sua própria glória.

Paulo diz em I Coríntios 11:15,

“Ter a mulher cabelo comprido lhe é honroso”,

Ou seja, lhe é uma glória, como revela o original literalmente e como confirmam várias outras versões.

Assim, o que vemos nós? Vemos que num culto existem manifestas várias glórias:

1ª – A glória de Deus que é manifestada no homem:

- “O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e a glória de Deus” (v. 7);

2ª – A glória do varão que é manifestada na mulher:

- “Mas a mulher é a glória do varão” (v. 7);

3ª – E, ainda, a glória da mulher que é manifestada no seu cabelo:

- “Ter a mulher o cabelo crescido lhe é uma glória” (v. 15);

Que fazer então?

A forma de actuação é a mesma que foi aplicada na perspectiva da autoridade: para que a glória de Deus, e só ela, se manifeste num culto, a única solução é cobrir todas as manifestações da glória humana. O varão não deve cobrir a sua cabeça porque é a glória de Deus; mas, no caso da mulher é diferente, ela deve cobrir a sua cabeça porque ela é a manifestação da glória do homem. De modo que, para que a glória do homem não se manifeste (que é a mulher), Deus providenciou àquela um véu natural – o seu cabelo crescido. Mas, mesmo assim, esse cabelo crescido que, como véu, cobre a glória do homem, é, em si mesmo, e para a mulher, a sua própria glória. O que quer dizer que, a mulher tem a sua própria glória, no cabelo que tem. Em virtude disso, surge a necessidade e o motivo da mulher usar um segundo véu, agora este que é para cobrir o seu cabelo (ou seja, a sua glória), Deus providenciou o véu artificial – uma cobertura.

Creio ser desnecessário repetir, mas por uma questão de segurança faço-o novamente: a presença da glória de Deus repudia qualquer outra manifestação de glória, pois está escrito: “*A minha glória não a darei a outrem...*”; e isto basta para compreendermos a necessidade que a mulher tem de usar um segundo véu para cobrir a sua glória: é porque a glória de Deus está presente. Este segundo véu não é natural, mas desta sorte é artificial, se assim nos é lícito de qualificar!

Resumindo: podemos dizer que, para a glória natural que a mulher é (“*ela é a glória do varão*” - v. 7), Deus deu-lhe um véu natural – o cabelo comprido (v. 15); para a glória que ela tem (“*o seu cabelo crescido que lhe é uma glória*” – v. 15), necessita de um outro véu, o qual deve ser colocado sobre a sua própria glória.

Conclusão

Quão bom seria se em todos os cultos se manifestasse a Glória de Deus, tal como Ele o planeou na eternidade.

A Glória de Deus vê-se manifestada quando o homem se coloca na presença de Deus com a “cara descoberta” (II Coríntios 3:18); e, simultaneamente, quando a mulher se coloca na presença de Deus com a cabeça coberta, à semelhança do que vemos reproduzido no Cântico dos Cânticos de Salomão, quando é dito:

«Como és formosa, querida minha, como és formosa! Os teus olhos são como os das pombas e brilham através do teu véu.» (Cantares 4:1, 3; 6:7)

Por isso, a honra da mulher e a sua beleza é revelada, não quando ela tira o véu, mas quando ela se tapa com uma cobertura. E, como ela reflecte a relação da Igreja para com Cristo, a glória da Igreja é a Glória de Deus nela manifestada. Essa glória é vista através do véu que as mulheres usam.

É uma pena que as mulheres cristãs tenham tanta dificuldade em compreender e aceitar este assunto. É uma pena que as mulheres cristãs tenham uma visão tão errada acerca deste assunto e, muitas vezes o vejam de forma tão diferente daquela que o Senhor a vê e revelou. É uma pena que as mulheres cristãs, conhecendo o significado e a importância deste assunto, tenham vergonha de Deus e de assumir o senhorio de Cristo sobre as suas vidas. É uma pena que, muitas delas, neste espírito de rebelião, nunca se tenham convertido, e a ausência do véu é simplesmente um sinal de que nunca confessaram a Jesus Cristo como o Senhor das suas vidas (Romanos 10:9). Mas querem agradar a quem?

«Se estivesse ainda agradando aos homens, não seria servo de Cristo.» (Gálatas 1:10)

A glória humana é uma glória efémera e passageira. É uma glória que tem impedido a muitos de entrarem na salvação, e é aí que muitas igrejas têm falhado quando se juntam. As igrejas locais estão mais preocupadas com manifestações da glória humana que com a Glória de Deus. As igrejas locais estão mais empenhadas com o seu visual, com a sua aparência, com as manifestações visíveis do poder humano, da sabedoria humana, que com a manifestação do Espírito de Deus.

«Por isso, não podiam crer, pelo que Isaías disse outra vez: Cegou-lhes os olhos e endureceu-lhes o coração, a fim de que não vejam com os olhos, e compreendam no coração, e se convertam, e eu os cure. Isaías disse isso quando viu a sua glória e falou dele. Apesar de tudo, até muitos dos principais creram nele; mas não o confessavam por causa dos fariseus, para não serem expulsos da sinagoga. Porque amavam mais a glória dos homens do que a glória de Deus.» (João 12:39-43); e:

«Porque toda carne é como erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor» (I Pedro 1:24); e, ainda:

«O mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.» (I João 2:17).

Tem-se assistido à manifestação da glória humana que é uma vergonha para Deus; e tem-se assistido – muito raramente – à manifestação da glória de Deus, que tem sido uma vergonha para o homem!

Por outro lado, o varão deve estar diante de Deus com cara descoberta, reflectindo a glória do Senhor.

«Mas todos nós, com cara descoberta, reflectindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor.» (II Coríntios 3:18)

Ele diz: “todos nós...”, os que pregamos o Evangelho da glória de Cristo, os ministros do Novo Pacto. Contrariamente a estes, os falsos apóstolos (obreiros fraudulentos, que se gloriam na carne – II Coríntios 11:12-15), têm os entendimentos cegados pelo diabo, para que não lhes resplandeça a luz do Evangelho da glória de Cristo, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus (Idem, 4:1-6). Por outras palavras: alguns que deveriam andar com a cara descoberta, andam com o véu da incredulidade e da rebelião, e não lhes é reflectida a luz do Evangelho da Glória de Cristo; outras, as mulheres, que deveriam andar cobertas, para que se manifeste a glória de Deus, são o espelho daquela glória humana, daqueles obreiros fraudulentos que usam o véu da incredulidade. Desta forma, adoptam uma postura que contraria o modelo que Paulo viu no “monte” da glória de Deus – o terceiro céu (Idem, 12:1-6).

A Controvérsia!

Penso que, a controvérsia que existe acerca do uso do véu, trata-se de um problema social, da modernidade, que reflecte o estado degradado em que o mundo se encontra e que as igrejas locais se têm deixado afectar. Penso, também, que esta degradação vai continuar e se intensificar. A obra de Deus será mantida – como sempre aconteceu – por um grupo restrito, cada vez mais restrito, que se propõe a ser fiel e se afasta da global tendência religiosa.

A controvérsia tem sido uma opção da teimosia e da ignorância. Não me parece que seja o resultado de um estudo profundo e sério. Pelo menos, nunca consegui ler ou ouvir nada que me convencesse do contrário. Espero que não seja essa a posição do leitor.

Deste aspecto Paulo já se tinha referido a Timóteo:

«Porque virá tempo em que não sofrerão a sã doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, [amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências](#); e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas.» (II Timóteo 4:3-4)

Ultimamente o argumento mais utilizado para deixar o uso do véu é o “costume”. E esse argumento é baseado no versículo 16 de I aos Coríntios 11. Vejamos o que ele diz:

«Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus.»

O que significa este texto?

Vejamos o que dizem alguns escritores cristãos credíveis:

«Se alguém opta, ainda depois de escutar o meu argumento, por ser contencioso. Ou seja, se algum é contencioso e crê ter razão para o ser... O Apóstolo aqui repreende a arrogância e o espírito contencioso dos coríntios, como tinha dado a entender em 1:20.»

«“Não temos tal costume”, ou seja, das mulheres orarem sem véu»

Roberto Jamieson

«Não temos tal costume...», de ser contenciosos.

Crisóstomo

«Por acaso quererá dizer Paulo que o que acaba de dizer não tem importância suficiente para contendermos? (Ou por ser um costume?) Por acaso significará que não existia o costume das mulheres cobrirem a cabeça? Quererá dizer que estes assuntos são optativos e por isso não devem ser observados como mandamentos do Senhor? Parece estranho que se ofereçam tais explicações, porém na actualidade se ouvem muito comumente. Isto significaria que Paulo considerava que estas instruções não eram importantes, apesar de ter ocupado mais de meio capítulo das Sagradas Escrituras para as expor!»

William MacDonald

«Uma leitura superficial do versículo 16 pode dar a impressão que o Apóstolo permite aos contenciosos que tomem o seu próprio caminho, no caso do véu das mulheres, como se não valesse a pena lutar por um assunto secundário. Porém, se pararmos para meditar no assunto com cuidado, notamos que o apóstolo dedica um extenso parágrafo e claras instruções, bem fundamentadas na Palavra de Deus, para vir dizer que os contenciosos podem fazer o que quiserem. Não era costume de Paulo falar assim da revelação de Deus, e já temos comentado o «seu procedimento» e os seus «ensinos» que ficavam como norma em todas as igrejas (I Coríntios 4:17).»

Ernesto Trenchard

O que nos assiste dizer mais sobre este assunto? E cuido ter o Espírito de Deus (I Coríntios 7:40)

Vejamos o texto grego transliterado:

I Corintos 11:16 – «**ei** <se, 1487> **de** <porem, 1161> **tiv** <algum, 5100> **dokei** <pensa, 1380> (5719) **fil oneikov** <amigo de discussões, 5380> **einai** <ser, 1511> (5750) **hmeiv** <nós, 2249> **toiauthn** <tal, 5108> **sunhyeian** <costume, conduta, 4914> **ouk** <não, 3756> **ecomen** <temos, 2192> (5719) **oude** <nem, 3761> **ai** <as, 3588> **ekkl hsiai** <igrejas, 1577> **tou** <de, 3588> **yeou** <Deus, 2316>».

Primeiro: que costume é este e de que se trata?

A palavra grega utilizada por Paulo para “costume” é «**sunhyeian**», sunetheia, (Strong 4914) usada três vezes no Novo Testamento: aqui, em 8:7 e em João 18:39.

A raiz desta palavra é «**hyov**», êthos (Strong 2239) e significa costume, no sentido de conduta, postura. É unicamente usada em I Coríntios 15:33, onde é dito: «**Não vos enganéis: as más conversações corrompem os bons costumes**». Por outras palavras, o Apóstolo está a referir-se à influência de alguém que, embora falassem de Deus, não conheciam a Deus:

«Vigiai justamente e não pequeis; porque alguns ainda não têm o conhecimento de Deus; digo-o para vergonha vossa.» (versículo 34).

Ora, o Apóstolo está a referir-se a uma conduta e não a um costume, como se fosse a um costume judaico. Se assim fosse usaria a palavra «**eyov**», ethos (Strong 1485), utilizada por Lucas em Actos 6:14 – «**porque nós lhe ouvimos dizer que esse Jesus Nazareno há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés nos deu**.» Mas, esta palavra nunca é usada por Paulo. Ocorre, somente, em Hebreus 10:25, para se referir ao costume de alguns em deixar a congregação.¹

Paulo refere-se, sem dúvida, à conduta de alguns que era contenciosa. E, se lermos atentamente o versículo 16 vemos que a ênfase do adjectivo “tal” recai em “contender”.

Dai que, em nosso entender, o que o Apóstolo está a dizer é: «**E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e retendes os preceitos como vo-los entreguei. Mas, se alguém quiser ser contencioso, (e não quiser aceitar os preceitos como eu vos ensinei), tal conduta (ou comportamento) não temos, nem as igrejas de Deus.**» (versículos 2 e 3). Os versículos 3 a 15 são um parêntesis.

Por outro lado, o Apóstolo fala do véu reportando-se a fundamentos muito mais válidos e anteriores a existência de qualquer costume: a natureza que Deus criou, ao homem que Deus formou, à hierarquia que Deus estabeleceu e ao Plano eterno que Deus planeou. Nunca isto poderia ser considerado ao nível de qualquer costume. Seria absurdo... exactamente no que têm caído os ensinadores modernos e liberais da actualidade: no absurdo!

Seria absurdo o apóstolo ocupar-se com um parágrafo da Escritura Sagrada para se referir a algo que é indiferente e não passa de um costume. Seria mais que absurdo basear uma realidade espiritual – O Senhorio de Cristo

¹ “Ethos” é usada por Lucas dez vezes e uma vez em Hebreus 10:25. Significa mais que um “costume formal” ou “rito”. Significa “Ordenança da Lei”, conforme Lucas 1:9 (o regime sacerdotal), 2:42 (as festas) e Actos 6:14 (Lei de Moisés). Mas, usando os argumentos dos ensinadores modernos, assiste-nos dizer o seguinte: Nessa ordem de ideias, se o uso do véu é um costume que pode ser abandonado, o costume congénere de alguns deixarem a congregação também não tem mal nenhum...!

e a glória de Deus – num costume ou numa tradição humana. Era como dizer que o Budismo, o Indoísmo ou o Islamismo têm coisas a ensinar ao Cristianismo. Seria incoerente o Espírito Santo inspirar uma porção da sua santa Palavra para depois deixar à “carne” e aos “interesses” humanos o critério de decidir o seu sentido e aplicação. Quem diz isso, como refere Paulo em I Coríntios 15:34, não conhece a Deus ou não pode estar sinceramente na obra de Deus. É por isso mesmo que duvido da sinceridade e das intenções de alguns que trabalham na obra de Deus. A árvore não diz com o fruto...!

E digo mais: se este tipo de argumento serve para mudar um ensino Sagrado da Palavra de Deus, não pode haver sinceridade em tais ensinadores.

«Mas temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos e se apartem da simplicidade que há em Cristo.» (II Coríntios 11:3).

Também estranho que muitas mulheres cristãs tenham opinião sobre esta matéria e a sua opinião em muitas circunstâncias prevaleça. Ora, o ensino da Palavra de Deus foi confiado aos dons que o Espírito Santo deu. As mulheres que pretendam assumir tais funções estão a perverter o Plano de Deus e a comportar-se infielmente diante de Deus. Há experiências de mulheres que o têm feito, mas os seus efeitos são nefastos! O ensino das Escrituras Sagradas está confiado aos varões... e não a todos, mas aos pastores e doutores, dons do Espírito Santo.

Os Costumes do Apóstolo Paulo

«E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e [retendes os preceitos como vo-los entreguei.](#)» (I Coríntios 11:2)

Preceitos: no grego é ‘paradosiv’ (paradosis – Strong 3862); ocorre treze vezes no Novo Testamento e significa “tradição”, ensino verbal.

Coloquemos a hipótese de Paulo se referir ao uso do véu como um “costume”! O que é que as Escrituras Sagradas nos ensinam sobre isso? Será que deveríamos considerar o uso do véu como tal e reagir liberalmente? Será que o uso do véu é colocado ao critério de cada um?

Só poderia falar assim quem não conhece as Escrituras e anda muito longe do Seu Autor!

Porque é que o Apóstolo Paulo fala dos seus ensinamentos como “tradições”, “preceitos” ou “costumes”?

Temos que partir do facto que esta Epístola, que foi escrita aos crentes de Corinto, foi escrita em meados da narração do Livro de Actos. Provavelmente no período descrito em Actos 19, quando Paulo esteve em Éfeso durante três anos (I Coríntios 16:8-9). Neste período o Apóstolo já tinha revelações suficientes da Palavra de Deus, mas a revelação escrita ainda não estava completa. Isso só aconteceu depois do Apóstolo chegar a Roma, depois de Actos 28. Como não havia revelação escrita o apóstolo ministrava o ensino oralmente, tão válido e tão fiel como o escrito. A esse ensino ele chamava de “tradições” (I Coríntios 11:2; II Tessalonissenses 2:15; 3:16). Neste sentido também poderíamos incluir os “costumes” de I Coríntios 15:33, porque se referia ao ensino oral da ressurreição, como ele a tinha ensinado verbalmente quando esteve em Corinto, ou mesmo o “costume” de I Coríntios 11:16, para se referir ao ensino verbal da mulher usar véu quando estivesse a orar ou a ouvir/falar da Palavra de Deus – caso entendamos que o uso do véu faz parte do costume referido por Paulo.

Paulo diz a Timóteo:

«Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, caridade, paciência, perseguições e aflições tais quais me aconteceram em Antioquia, em Icônio e em Listra; quantas perseguições sofri, e o Senhor de todas me livrou.»

«[Tu, porém, permanece naquilo que aprendeste e de que foste inteirado, sabendo de quem o tens aprendido.](#)» (II, 3:10 e 14).

Aos crentes de Filipos diz:

«O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei; e o Deus de paz será convosco.» (Filipenses 4:9).

Certamente que se referia ao ensino oral.

Nestes termos o ensino verbal do Apóstolo Paulo não pode ser considerado como um ensino transitório, mas um ensino fiel, correcto, que veio a ser confirmado pela Palavra de Deus escrita.

Isso tem sido argumento de alguns ao dizerem que a Epístola aos Coríntios foi escrita no período transitório e, por isso, o seu ensino era provisório. Isso com aplicação aos dons sinais, ao véu, à ceia do Senhor e a outros ensinamentos. Mas esse entendimento é um perfeito engano. Todo o ensino de Paulo refere-se exclusivamente à Igreja “Corpo de Cristo” e ele só falou para ela e acerca dela. Mesmo quando o Apóstolo faz referências à vinda do Senhor no quadro profético, refere-o em função da Igreja, ou seja, à sua autonomia e partida prévia do tempo da Grande Tribulação.

Relativamente aos dons sinais, eram dons da Igreja “Corpo de Cristo” que se manifestaram no período em que a Palavra de Deus estava a ser revelada. No entanto, o seu termo já estava determinado quando a Revelação do Mistério ficasse concluída. Isso está claramente explicado em I Coríntios 13:8-13.

Os demais ensinamentos são igualmente para a Igreja “Corpo de Cristo” e dos quais não temos qualquer referência que seriam suspensos, senão quando o Senhor vier arrebatá-la a sua Igreja:

«Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor, até que venha.» (Idem, 11:26)

Poderíamos pensar que Paulo, depois de ter ido para a Arábia (Gálatas 1:17), e de ter as revelações de Deus descritas em II Coríntios 12, mas antes de Actos 28, que o seu ensino não era perfeito e não era ensinado com o rigor da Graça de Deus. É verdade que a Palavra escrita ainda não estava completa, mas a revelação oral já. Exemplo desse facto é a própria Epístola aos Gálatas. Vejamos:

Ele diz que subiu a Jerusalém para apresentar o “Evangelho que eu prego entre os gentios...” (Gálatas 2:1-2). Isto depois dos possíveis três anos na Arábia e de catorze de ministério entre os gentios, ou seja, no período que compreende Actos 15. Também, a altura que ele esteve na região da Galácia localiza-se em Actos 13 e 14, na sua Primeira Viagem missionária, assim chamada... nos primórdios do seu ministério. E, acerca disso ele diz:

«Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela carne?» (Gálatas 3:3)

E a Epístola foi escrita no período que compreende Actos 16 a 18.

Outro exemplo disso é as “tradições” que ele deixou aos Tessalonissenses, que se refere aos ensinamentos, entre outros, da vinda do Senhor para a Igreja “Corpo de Cristo”... E o seu ministério localiza-se no período de Actos 17. Um desses ensinamentos que ainda hoje é matéria de muita suposição é o que ele escreve em II Tessalonissenses 2:6, que citamos:

«E agora vós sabeis o que o detém...»

Não tenho qualquer dúvida que os crentes de então tinham um conhecimento muito mais correcto e muito mais claro que o nosso, acerca da verdade do “Mistério” do “Corpo de Cristo”, pois o estavam a receber em primeira-mão através do Apóstolo Paulo.

O mesmo se refira da Igreja de Corinto, que se localiza no período de Actos 16 a 18. Todo o ensino da graça estava completo e tinha sido fielmente ministrado àqueles crentes. Negar isso seria negar a acção do Espírito Santo nas suas vidas neste período, como referiu o Apóstolo:

«... Podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual, noutros séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens, como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas...» (Efésios 3:4-5)

Por isso temos toda a convicção que o assunto do véu não era um assunto transitório nem um assunto provisório. Era tema da revelação de Deus que ele já tinha ensinado na Igreja e que vinha, agora, confirmar ou formalizar pela revelação escrita.

«Sede meus imitadores, como também eu, de Cristo. E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim e retendes os preceitos como vo-los entreguei.» (I Coríntios 11:1-2)

O Apóstolo fala do seu ensino oral como preceitos; no grego é “paradosiv” (paradosis – Strong 3862) e das treze vezes que ocorrem no Novo Testamento é traduzida por “tradição”, ou seja, ensino oral, que a seu tempo foi passado a escrito pelo próprio Apóstolo Paulo. E esse ensino, mesmo que oral, nunca foi alterado ou rectificado pelo Apóstolo: sempre confirmado. E aqueles que o contestaram, como hoje, foram sempre os desertores da verdade, abundantemente denunciados por Paulo.

O mesmo não pode ser dito daqueles temas que eram práticas judaicas, e que faziam parte da conduta dos crentes do reino, nomeadamente a guarda de dias, a lei, a circuncisão, etc., que ele refuta com toda a veemência e combate com todo o afinco para não afectar a liberdade com que Cristo nos libertou.

E, depois daquela exposição diz:

«Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão, e o varão, a cabeça da mulher; e Deus, a cabeça de Cristo.» (versículo 3)

Os crentes em Corinto estavam a ser fiéis ao ensino oral de Paulo, deixado por ele desde a sua fundação. Eles retinham os preceitos como Paulo os ensinara. Por isso, estou em crer que as mulheres da igreja, de uma forma geral, estavam a cobrir as suas cabeças, conforme o Apóstolo tinha ensinado quando estivera lá. No entanto, ele vem agora fundamentar e dizer que não basta estar sujeito de coração, é necessário revelar isso diante dos homens, diante dos anjos e diante de Deus. Não podemos dizer que Jesus é Senhor e não o demonstrar na forma como o Senhor o definiu (Idem, 12:3b).

Por outro lado, ele torna-se mais enfático e diz: “quero que saibais...”, ou seja, era importante saber qual o significado do uso do véu; era imprescindível anunciar que no ajuntamento dos crentes salvos pela graça de Deus imperava o Senhorio de Cristo e a Autoridade de Deus – na oração e na Palavra. Porque, se o crente não souber qual o seu sentido facilmente o desvaloriza e torna-se indiferente em usá-lo ou não usá-lo.

E, quando tratamos do Senhorio de Cristo estamos a lidar com algo que o mundo não tem. O Apóstolo quer demarcar o povo de Deus do mundo. A postura do mundo é de insujeição. A postura do mundo é a mesma que a de seu pai, Satanás. Mas, aqueles que são do Senhor, e quando se reúnem para buscar o Senhor, devem estar com uma postura devidamente definida e demarcada do mundo.

E era o que se passava em Corinto. Alguns ditos convertidos do mundo queriam trazer para o seio da igreja os métodos do mundo. Era conhecido os cultos pagãos em Corinto, onde as mulheres tinham um papel de relevo (As sacerdotisas da deusa Afrodite, onde eram habituais práticas licenciosas). Havia, também, um tipo de mulheres conhecidas como as “hetairas”, mulheres de vida livre e emancipadas, que andavam pelas ruas de Corinto de forma muito indecorosa, nomeadamente de cabelo curto e sem véu. Este era o cenário social onde os crentes de Corinto viviam: de intenso paganismo e de desmesurada corrupção; e, alguns convertidos queriam adoptar alguns desses critérios na conduta da igreja. Mas Paulo diz: nas igrejas de Deus, que é santa, nada disso pode entrar! A postura das mulheres é outra...

De forma que, esta exposição não era para as mulheres, mas sim para os contenciosos. Esses, é que precisavam da exposição escrita e da repreensão final do Apóstolo. E essa repreensão é, ainda, uma verdadeira

demarcação do Apóstolo, e das Igrejas que ele tinha posto o fundamento, dos contenciosos, dos conflituosos e dos infiéis.

Mais Preceitos do Apóstolo

Que quererá dizer o Apóstolo no citado versículo 16?

O mesmo que havia dito no capítulo 4, versículo 17:

«Por esta causa vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo, como por toda parte ensino em cada igreja.»

E o mesmo que escreveu em 14:36-38:

«As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja. Porventura, saiu dentre vós a palavra de Deus? Ou veio ela somente para vós? Se alguém cuida ser profeta ou espiritual, reconheça que as coisas que vos escrevo são mandamentos do Senhor. Mas, se alguém ignora isso, que ignore.»

Quando o Apóstolo tem a oportunidade de dar a sua opinião, por não haver mandamento do Senhor, ele di-lo com toda a clareza, como foi o caso das recomendações para os solteiros e viúvos (I Coríntios 7), ou mesmo em relação às colectas (II Coríntios 8:6-8). Mas isso não aconteceu acerca do véu. Creio que as palavras **“as coisas que eu vos digo são mandamento do Senhor”** refere-se a tudo o que vem dizendo desde o versículo 1 do capítulo 11, porque são mandamentos que têm a ver com o comportamento do crente quando está na presença de Deus: quer individualmente, quer como igreja local.

Mas, será que o Apóstolo está a liberalizar os critérios? Será que o que ele está a ensinar não tem aplicação na Igreja “Corpo de Cristo” só porque está, também, de acordo com o que a Lei determinava acerca do ministério público da mulher? Será que a indecência das mulheres falarem na igreja é diferente da indecência de elas estarem na igreja descobertas? Não por certo. Mas só entenderá isso quem for espiritual, porque o carnal – o que aparenta não interessa para Deus – não reconhece os mandamentos do Senhor. Mas, se ignorar, que ignore. O problema é dele. Deus dará a respectiva e atempada apreensão.

A Mulher que ora ou profetiza...

«Mas toda mulher que ora ou profetiza...» (I Coríntios 11:5)

Este texto tem sido usado, por alguns ensinadores mal intencionados, para admitir a possibilidade das mulheres falarem no ajuntamento da Igreja. Veremos, mais abaixo, que o Apóstolo não está a falar do ajuntamento dos santos, como igreja, mas da forma como o homem e a mulher devem estar na presença de Deus. Ele só trata do ajuntamento dos santos a partir do versículo 17, quando diz:

«Nisto, porém, que vou dizer-vos, não vos louvo, porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior.»

Porque, relativamente ao ajuntamento ele é claro em dizer:

«As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar.» (Idem, 14:34).

E, o que se deve entender por orar e profetizar?

Orar é falar a Deus; profetizar é falar aos homens. No fundo, o que o Apóstolo Paulo está a dizer é que, a mulher, sempre que lida com as coisas de Deus, deve cobrir a sua cabeça, como sinal de toda a sujeição que a Deus é devida.

Relativamente ao profetizar, é bom referir que, sempre que esse termo é aplicado à mulher tem a ver com uma actividade literária e musical. Exemplo disso foram Miriam, irmã de Moisés (Êxodo 15:20-21), de Débora (Juízes 4:4; 5:1... – o cântico de Débora), Ana, que orava e jejuava diante de Deus (Lucas 2:36-38), Isabel e Maria que profetizaram, no sentido que entoaram um cântico para Deus (Lucas 1:42-55), e mesmo as filhas de Filipe (Actos 21:9). E, todo este ministério era um serviço feito em privado.

No que concerne aos cânticos e aos instrumentos que os acompanhavam, há registo de que algumas mulheres faziam parte desses corais e dos grupos musicais, que executavam sob a liderança de um mestre (I Crónicas 25:5; Salmo 68:25). Neste sentido é admissível aceitar a participação pública da mulher crente e fiel, quando acompanhada com um grupo de varões e numa atitude de sujeição a Deus e aos homens presentes, usando uma cobertura sobre a sua cabeça.

Em suma, e a título de conclusão deste sub-capítulo, “profetizar” tem a ver com uma actividade musical, ao nível da criação e da execução, que é feito em privado, diante de Deus, e admissível, em certas condições e em certas circunstâncias, em público. Não há aqui qualquer referência a um ministério oral da Palavra de Deus, seja com um carácter de testemunho, ou de ensino, ou de exortação ou similar.

A Natureza de Deus

«**Ou não vos ensina a mesma natureza...**» (versículo 14).

Estranho... O Apóstolo basear a sua argumentação na Natureza! É verdade, mas é só mais um argumento.

Agora, vejamos: mas, que natureza é esta?

Esta não é a natureza afectada pelo pecado. Esta é a natureza que Deus criou, exactamente na ordem perfeita como a estabeleceu. Esta é a Lei da Natureza.

Romanos 1 descreve a forma como o homem tem alterado a natureza e os conceitos que Deus criou para a natureza, nomeadamente a família, a justiça, o respeito natural, o amor, etc. Por isso é que está determinado no Programa Profético a condenação do mundo, pela sua depravação. E, também por isso, é que hoje é anunciado o Evangelho da Graça de Deus, para arrebataram as almas dos dias da Ira de Deus que estão para se manifestar na Grande Tribulação. O Plano de Deus para os dias da Graça fez suspender a Profecia para o mundo e propõe salvar as almas do presente século mau, e fazê-las seus embaixadores neste mundo que está em inimizade com Deus. Assim, a graça nos salva e nos ensina a viver de forma diferente deste mundo alterado pelo pecado original do homem, e pela continuada corrupção humana. A graça nos ensina a esperar o Dia de Cristo para escaparmos ao castigo que essa corrupção vai conduzir (Tito 2:11-15).

Por isso, o Apóstolo Paulo só pode estar a falar da natureza de Deus como Ele a criou.

Este tipo de argumento vem informar-nos que o uso do véu não é uma questão somente doutrinária e dispensacional. O uso do véu é transdispensacional. Queremos com isto dizer que a introdução da Dispensação da Graça não veio alterar esta postura para a mulher, que já era antes respeitada pela Lei (14:16). Inclusivamente em Números 5:11 a 31 identifica as mulheres de cabelo rapado com a imoralidade.

Há outros exemplos de matérias e assuntos em que a Dispensação da Graça não alterou; no entanto, e uma vez que se trata de um contexto temporal diferente e de um propósito divino diferente, é sempre dado um sentido mais objectivo e adequado ao momento.

Exemplos:

“O Governo Humano” (Génesis 6-10)

A Dispensação do Governo Humano é um exemplo de como a introdução da Dispensação da Graça não alterou aquela dispensação ou os seus critérios. Pelo contrário, somos exortados a sujeitarmo-nos às autoridades (Romanos 13).

“O Mistério do Tempo dos Gentios” (Daniel 2; Lucas 21:24)

A introdução do programa do Mistério não alterou nem suspendeu a revelação e o período dos “tempos dos Gentios”. Pelo contrário: os tempos dos gentios foram ampliados para os tempos da “plenitude dos gentios” (Romanos 11:25), e os seus princípios mantêm-se na presente Dispensação e se prolongarão até à reintrodução do Programa Profético.

“O Instituto da Família”

«Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea» (Mateus 19:4)

A família é outro assunto que a Dispensação da Graça não alterou. Podemos afirmar, ainda, que a Dispensação da Graça veio confirmar este instituto sagrado e dar-lhe um significado muito mais sagrado pelo facto de ele representar a união eterna entre Cristo e a sua Igreja celestial (Efésios 5:22-32).

Nesta ordem de ideias, o véu também foi sempre usado. São abundantes as referências feitas ao véu em todo o Velho e grande parte do novo testamento. Da mesma forma, a Dispensação da Graça não veio alterar o seu uso. Pelo contrário, quando lemos o assunto exposto pelo Apóstolo dos gentios constatamos que há um sentido mais amplo e um significado diferente – no sentido que é mais sublime – que fundamenta e justifica a sua utilização.

A relação do uso do véu com a natureza indica, também, que a Dispensação da Graça e a doutrina da graça nos ensina a estar em harmonia com a natureza de Deus. A reconciliação da Obra da Cruz é uma reconciliação que abarca a natureza (Colossenses 1:20). A natureza está afectada pelo pecado (Romanos 8:20-21) e o homem tem corrompido a natureza e se tem corrompido na natureza. Mas, a obra de Cristo no crente é parte desta reconciliação com a natureza (Efésios 1:10).

«Porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu... E mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível... Pelo que também Deus os entregou às concupiscências do seu coração... pois mudaram a verdade de Deus em mentira e honraram e serviram mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente. Amém!

[Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza.»](#)

(Romanos 1:21-26)

O abandono do uso do véu é mais uma forma de manifestação da mudança do uso natural no contrário à natureza que o mundo pagão tem adoptado para as suas vidas. Deixar de usar o véu no momento e no tempo próprio é uma forma de agressão à ordem que o Criador estabeleceu na natureza. Por isso, e sem querer forçar conclusões, estou consciente que uma mulher cristã que se recusa a usar o véu, está a tomar o partido do mundo pagão, oposto à ordem de Deus, e está em rebelião com Deus. Este é um tipo de impiedade e de prostituição espiritual. É pactuar com o mundo e abraçar o mundo! O mundo já deixou muitas coisas naturais e adoptou outras que são contrárias à natureza; as filhas

de Deus estão a seguir as suas pisadas! Receio que, em determinados momentos e circunstâncias, a reacção de Deus possa vir a ser a mesma para com elas! (Romanos 1:18).

A base do pensamento de Paulo é a seguinte: Deus criou o mundo de acordo com um determinado modelo. Creio que esse modelo está na glória. O pecado deformou-o, mas o Senhor Jesus Cristo irá restaurar todas as coisas na sua vinda. O homem faz parte deste modelo; a mulher faz parte deste modelo. No entanto, há um castigo específico para aqueles que destroem este modelo de natureza criada por Deus:

Chegou «o tempo de destruíres os que destroem a terra.» (Apocalipse 11:18)

Não seria muito decoroso as mulher que fazem profissão de servir a Deus estarem mais identificadas com o mundo ímpio que com o modelo de Deus para os santos. Foi esta a preocupação de Paulo em insistir neste assunto aos Coríntios, para que as crentes de lá se demarcassem da conduta das mulheres de baixa reputação, e é aquilo que nos deve preocupar a nós hoje... mais que nunca. Já são poucas as mulheres virtuosas... mas parece que elas assumem conscientemente essa postura dúbia sem se importarem com as suas consequências. É como estar a empobrecer alegremente...!

As Igrejas de Deus

Um dos argumentos pobres que têm sido usados é aquele que diz que o problema do véu é uma questão que tinha a ver só com os crentes de Corinto, por causa das mulheres indecorosas que lá viviam. Era, por isso, uma questão local e cultural.

Absolutamente não.

Primeiramente, o Apóstolo diz que esta epístola se dirige a todos os crentes. Esta Epístola é que é uma Epístola verdadeiramente universal, senão vejamos:

«À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso...» (Capítulo 1:2)

Penso que não deixa dúvidas.

Alem disso, o que ele ensinou nesta igreja local é o que ele ensinava em todas as igrejas que fundava:

«Por esta causa vos mandei Timóteo, que é meu filho amado e fiel no Senhor, o qual vos lembrará os meus caminhos em Cristo, como por toda parte ensino em cada igreja.» (Idem, 4:17)

Penso que continua a não deixar dúvidas!

Depois fala das igrejas de Deus. Que igrejas são estas? Serão as igrejas protestantes? Ortodoxas? Evangélicas? Dispensacionalistas? Católico-romanas? Igrejas que respeitem determinados estatutos? Ou façam parte de um determinado movimento ou convenção? Serão as igrejas que estão constituídas de acordo com a lei da liberdade religiosa?

Não. Estas igrejas são as igrejas de Deus. As igrejas que estão fundadas de acordo com o modelo da graça de Deus e se mantêm nesse modelo. São as igrejas que fazem parte da “coluna e firmeza de Verdade” (I Timóteo 3:15), a casa de Deus. As igrejas que garantem fielmente o ensino e a prática de acordo com a vocação celestial (Efésios 1:18; 4:1). São as igrejas que nascem e vivem com total identificação com o modelo revelado por Deus ao Apóstolo Paulo para o presente tempo da longanimidade de Deus. São as igrejas reconhecidas por Deus e onde Ele manifesta a Sua presença.

E todas as igrejas de Deus que se pautam de acordo com esta regra, fazem-no para que a glória de Deus seja conhecida diante dos homens e dos anjos, e nela se manifeste com toda a grandeza a presença gloriosa de Deus, de forma que os incrédulos, assistindo, digam, «*adorando a Deus, publicando que Deus está verdadeiramente entre nós!*» (I Coríntios 14:25).

O Senhor «**não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos**» (I Coríntios 14:33) e de ordem. E, se há ordem é porque há um modelo. E, porque há um modelo que deve ser respeitado é que diz o Apóstolo:

«Mas faça-se tudo decentemente e com ordem.» (Idem, 14:40)

Notem a insistência da decência, da honra e da glória!

Assim, se a igreja em Corinto queria ser reconhecida como uma igreja de Deus teria de andar no modelo das demais igrejas de Deus, ou seja, o modelo de Deus.

Entretanto, poderiam os mais cépticos insistir e questionar porque é que o Apóstolo só trata este assunto nesta Epístola?

A questão é de fácil resolução. Basta corrermos os olhos por todas as Epístolas e notaremos que cada igreja tinha as suas debilidades. Assim, os crentes em Tessalónica tinham problemas na compreensão da vinda do Senhor; os crentes na Galácia tinham problemas com o legalismo; (ai, se Paulo dissesse aos Gálatas: “como assim ordena a Lei!”, como eles desejariam! Impensável! Eles não entenderiam!) Os problemas dos crentes em Colossos eram diversos. E, por Paulo não falar na Epístola aos Efésios da vinda do Senhor não quer dizer que devemos pôr em causa a sua vinda.

De facto, o uso do véu era ensino que estava a ser ministrado em todas as igrejas; aqui, parece que havia a tentativa de alterar essa forma de estar no culto e na presença de Deus. E, não parece que fosse problema em mais alguma igreja.

Quando vos Ajuntais...

«Nisto, porém, que vou dizer-vos, não vos louvo, porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior. Porque, antes de tudo, ouço que, quando vos ajuntais na igreja, há entre vós dissensões; e em parte o creio.» (I Coríntios 11:17-18)

Tem havido uma relutância incompreensível nas mulheres em usarem o véu quando vão à presença de Deus para orarem ou para lerem a Escritura Sagrada. Eu digo incompreensível porque não sei qual é a dificuldade de usar uma cobertura na presença de Deus! Não entendo o que custa usar um véu! Será que o véu as minimiza? Pode minimizar a carne, é verdade, mas engrandece o espírito; eleva o homem interior.

Entretanto, os anciãos, mais por pressão das mulheres, pois não vislumbro, também, qualquer outra razão, debatem-se com o conceito de “reunião de igreja”, para restringir o uso do véu! Diga-se: para arranjar umas benesses para as mulheres mais insujeitas.

Primeiramente, não somos nós quem definimos o que são e quando são as “reuniões de igreja”. Penso que isso está claramente definido na escritura: haja humildade e sinceridade para o reconhecer e aceitar. O texto seguinte define isso:

«Nisto, porém, que vou dizer-vos, não vos louvo, porquanto vos ajuntais, não para melhor, senão para pior. Porque, antes de tudo, ouço que, quando vos ajuntais na igreja...» (I Coríntios 11:17-18)

Ou seja, “quando vos reunis em igreja” (assim o grego, que usa o termo “*en*”).

Quando os crentes se juntam com o propósito de buscar a Deus – e se têm a pretensão de Deus estar presente e de ser glorificado nesse ajuntamento – têm de respeitar o modelo que Ele definiu na sua Palavra, nomeadamente, juntar-se em nome do Senhor Jesus Cristo, orar em seu Nome, as mulheres estarem caladas e com véu, haver respeito e ordem. Doutra sorte, o ajuntamento será como um evento social sem qualquer significado para Deus.

No entanto, o uso do véu não está restrito às reuniões da igreja. Primeiramente, o Apóstolo trata do véu nos versículos 3 a 16; só depois é que vai tratar de assuntos que têm a ver com o ajuntamento da igreja (v. 17 e seguintes). De maneira que, o uso do véu não é só para ser usado no ajuntamento da igreja mas sempre que a Palavra seja lida em público e sempre que a mulher faça oração. Restringir o uso do véu à reunião da igreja é restringir a autoridade de Deus e a manifestação da glória de Deus a uma determinada circunstância ou a um determinado momento. É claro que não se compreende as situações imprevisíveis. Nem se compreende as situações inesperadas (ou não devia!). Mas, sempre que a mulher crente souber que vai ser lida a Escritura, em particular ou em público – num culto de carácter juvenil ou temático –, ela deveria cobrir a cabeça.

Mas, como a autoridade e a glória de Deus está acima de qualquer questão, se eu fosse mulher, e se me assaltasse alguma dúvida em relação ao uso do véu em determinada circunstância, eu o usaria. Creio que o Senhor e a Sua vontade é séria de mais para andarmos com incertezas. Porém, no meio disto tudo, e que muito estranho, é que quando há alguma dúvida ela pende sempre para prejuízo de Deus. Nunca vi ninguém que, em caso de dúvida optasse por dar o benefício da dúvida a Deus! Por quê? Por causa da carne, do mundanismo e do diabo...! Mais palavras para quê?

O senso comum... cristão...

“Mas nós temos a mente de Cristo.” (I Coríntios 2:16)

O senso cristão, a mente de Cristo, o espírito do nosso entendimento quando é iluminado por Deus (Efésios 1:17) dá-nos a capacidade de entendermos as coisas que poderão trazer alguma dificuldade ao crente normal. Falta muito discernimento espiritual à generalidade dos crentes porque eles ignoram – ou querem ignorar – o conhecimento de Deus. Por isso o Apóstolo diz: **«o que é espiritual discerne tudo bem...»** (I Coríntios 2:15). De forma que a estes o “Espírito de Deus testifica com o seu espírito...” (Romanos 8:16), e eles entendem.

«[Julgai entre vós mesmos](#): é decente que a mulher ore a Deus descoberta?» (I Coríntios 11:13)

E, agora, pergunto:

«Para vos envergonhar o digo: Não há, pois, entre vós sábios, nem mesmo um, que possa julgar entre seus irmãos?» (Idem, 6:5).

Cada vez há menos crentes com o bom senso espiritual dos quais o Senhor possa esperar alguma correspondência para lhes ensinar a verdade na sua pureza. Cada vez mais, cada um se desvia pelo seu próprio caminho, na orientação das explicações que mais lhes convêm.

A Vergonha dos Crentes...

«É decente...?» (Idem 11:13)

Há determinadas coisas que fazemos que o Espírito Santo censura ou confirma na nossa consciência (Romanos 9:1). Paulo fala de coisas que fazíamos no passado, das quais agora nos envergonhamos (Romanos 6:21), porque a nossa consciência no Espírito nos leva a isso.

Mas essa experiência ainda não foi provada para alguns cristãos confessos. A sua consciência está cauterizada (I Timóteo 4:1-2), como manifestação das influências da actividade dos demónios nos últimos dias. Agora, já nada os envergonha. Aquilo que o seu coração pedir, fazem-no, sem qualquer problema de consciência. Seja na postura como homens ou como mulheres (I Coríntios 11:6, 14), seja nas palavras (Idem, 14:35; Efésios 5:4; Colossenses 3:8), seja como igreja ou individualmente.

Desses dizia Paulo:

«O fim deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles é para confusão (gr. “vergonha”) deles mesmos, que só pensam nas coisas terrenas.» (Filipenses 3:19)

«Todos os que querem mostrar boa aparência na carne, esses vos obrigam a circuncidar-vos, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo.» (Gálatas 6:12)

Hoje, pelo contrário, parece que há mais vergonha em ser fiel e verdadeiro:

«Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade.» (II Timóteo 3:15)

Infelizmente, hoje, os crentes estão a perder, progressivamente, toda a noção de pudor e integridade. Mas, enquanto o Senhor nos der Graça, e a desejamos até morrer, diremos como Paulo:

«Antes, rejeitamos as coisas que, por vergonha, se ocultam, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus; e assim nos recomendamos à consciência de todo homem, na presença de Deus, pela manifestação da verdade.» (II Coríntios 4:2).

Cabeça Coberta

«*Todo homem que ora ou profetiza, tendo a cabeça coberta...*» (v. 4)

No grego, literalmente: “Todo o varão que ora ou profetiza tendo algo sobre a cabeça...” (Francisco Lacueva)

«*Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta...*» (v. 5)

No grego, literalmente: “toda a mulher que ora ou profetiza sem véu sobre a cabeça...” (F. L.)

«*O varão, pois, não deve cobrir a cabeça...*» (v. 7)

No grego, literalmente: “O varão, certamente, com efeito, não deve cobrir-se a cabeça...” (F. L.)

«*É decente que a mulher ore a Deus descoberta?*» (v. 13)

No grego: “É conveniente que a mulher sem véu a Deus ore?” (F. L.)

A palavra “cobrir” ocorre várias vezes neste texto, sendo a tradução das palavras: Kata kefalês echôn, literalmente: tendo um véu (subentendendo-se “*Kalumma*”) que cai pela cabeça abaixo (A. T. Robertson), no versículo

4; da palavra “akataluptos”, (Strong, 177), que é a forma feminina, negativa do adjectivo predicativo composto, no versículo 5 e 13; e, da palavra “katalupö”, ou seja, “cobrir-se” com um véu ou cobertura facilmente removível.

Estas expressões indicam que cobrir a cabeça é mesmo cobrir a cabeça. Não é o uso de um véu transparente, usado frequentemente para adornar a cabeça e não a cobrir. Não é uma coberturazinha para ser colocada no cimo da cabeça e deixar o cabelo todo exposto. É uma cobertura que tapa significativamente a cabeça e o cabelo, de forma a não deixar qualquer dúvida que a cabeça está coberta. Esta é a forma de pensar da mulher temente a Deus e que deseja agradar-lhe, acima de todas as coisas... sem quaisquer dúvidas! As mulheres que usam formas duvidosas de cobrir a cabeça, já por si, reproduzem a forma duvidosa como encaram a vida cristã: uma vida cristã duvidosa. Mas às primeiras, digo eu, se queres mesmo honrar a Deus na tua vida, vive de forma a não deixar qualquer dúvida.

Os Argumentos de Paulo...

(I Coríntios 11:1-16)

1. O Senhorio de Cristo:
“Cristo a cabeça de todo o varão...” (3);
2. O Exemplo de Paulo:
“Sede meus imitadores como também eu de Cristo” (1);
3. Fidelidade à verdade recebida:
“Retendes os preceitos como eu vo-los entreguei...” (2);
4. Uma Questão de Honra:
“Desonra a sua própria cabeça” (4, 5, 6, 13-14);
5. Uma Questão de Imagem de Deus:
“O varão é imagem de Deus...” (7);
6. Uma Questão de Glória de Deus:
“O varão é a imagem e a glória de Deus” (7);
7. Uma Questão de Origem:
“O varão não provem da mulher, mas a mulher do varão” (8);
8. Uma Questão de Propósito:
“O varão não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do varão” (9);
9. Os Anjos:
“A mulher deve ter sobre a cabeça sinal de autoridade, por causa dos anjos” (10);
10. Uma Questão de Unidade e Interdependência:
“Nem o varão é sem a mulher, nem a mulher sem o varão” (11)
11. Uma Questão de Origem:
“Tudo provem de Deus” (12);
12. Uma Questão de Bom Senso Cristão:
“Julgai vós mesmos...” (13);
13. Uma Questão de Natureza:
“Ou não vos ensina a mesma natureza...” (14);
14. Uma Questão de Sentido:
“O cabelo lhe foi dado em lugar de véu...” (15);
15. Uma Questão de Modelo:
“Nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus” (16).

Exame Exegético:

- V. 2: “retendes os preceitos como vo-los entreguei”. “Preceitos” no sentido de “tradição” ou ensino oral. O termo no grego é “*paradosiv*” (*paradosis* – Strong 3862); ocorre treze vezes no Novo Testamento e sempre é traduzida como “tradição”.
- V. 4-5: “Desonra a sua própria cabeça”. No gr. Tem simplesmente “sua cabeça”. Não consinta “sua própria”, como se referindo à sua cabeça natural, mas o que ela representa, no caso do homem é Cristo (v. 3), e no caso da mulher é o varão (v. 3). Assim, não usando a mulher o seu véu, desonra pela sua insujeição o varão, que é a sua cabeça; por sua vez o varão que ora ou fala com a sua cabeça coberta, desonra a Cristo – a sua Cabeça. Contudo, a mulher que desonra o varão pela sua insujeição, e tendo este como cabeça a Cristo, e sendo este a imagem e glória de Deus, a mulher, com tal atitude, está a desonrar indirectamente a Cristo, “A Cabeça do Corpo da Igreja” (Col. 1:18).
- V. 5: “... como rapada...”, ou seja, como insujeita ao varão, visto que na época o cabelo curto era usado pelas prostitutas, mulheres infiéis a seus maridos. A mulher não usando o véu, revela (reflectindo a igreja, o seu estado espiritual) a sua insujeição a Cristo, o Sumo-Noivo da sua Igreja. Não nos identifiquemos com a “Grande Babilónia”, também chamada “Grande Prostituta”, cujas características o Livro do Apocalipse fala: “Sai dela povo meu” (Apo. 18:4). Aqui nada tem relacionado com o comprimento do cabelo; isto é importante. Paulo nada diz sobre o seu tamanho. Embora alguns achem que o tal nunca deva ser cortado, sem ser dogmático acho que, o cabelo da mulher deve ser suficientemente grande para ser entendido e visto como um véu que cubra a sua própria cabeça. E como nada diz sobre o tamanho do cabelo, não podemos dizer, baseados neste versículo, que o cabelo comprido toma o lugar do véu artificial, ou, tendo o cabelo crescido não é preciso usar véu artificial, mas antes, tendo ou não tendo cabelo, nem importando como o tendo, o texto atesta a necessidade da mulher usar uma cobertura sobre a cabeça, porque não a tendo, e mesmo o cabelo comprido sendo, está a desonrar a sua cabeça, está a revelar insujeição a Cristo: é como se a tivesse rapada – *é uma vergonha*.
- V. 15: “...O cabelo...”. No gr. a ideia é de um cabelo tratado, adornado, crescido, como glória... “Véu...”, no gr. significa cobertura, ou seja, o cabelo foi dado à mulher como um véu, como tendo a mesma função e a mesma utilidade.

“...em lugar de...”. No gr. a palavra é “**ANTI**”. No N.T. a palavra aparece 22 vezes e sempre com a ideia de, em troca de, pôr, em substituição de, em oposição a, em face de, e em algumas versões “como”. O sentido é que o cabelo foi dado à mulher “como véu” e não “em lugar de véu”.

Isto pode levar-nos a pensar que o que foi dito atrás foi-o em vão. Mas não. Pelo contrário, vem confirmar as conclusões até aqui obtidas. Paulo acha por inspiração divina que a mulher deve usar dois véus. Já falamos dum primeiro, um artificial (v. 3). Agora para que ela não use um outro véu artificial, Deus deu à mulher o cabelo crescido o qual vai substituir (gr. *opor-se a*) o segundo véu artificial, passando a ser um artificial e outro natural.
- V. 16: “...nós não temos tal costume...”. A palavra grega utilizada por Paulo para “costume” é «*sunhyeian*», *sunetheia*, (Strong 4914) usada três vezes no Novo Testamento: aqui, em 8:7 e em João 18:39. A raiz desta palavra é «*hyov*», *ethos* (Strong 2239) e significa costume, no sentido de conduta, postura, como em I Coríntios 15:33 – «Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes.»
- «“Contensioso” (Gr. *Philoneikos*). Velho adjectivo (*Philos, neikos*), amigo de contendas. Só aqui no N. T. Se só existisse neste caso o irmão contencioso. “Costume” (*sun, ethos*), como no latim consuetudo, relação, intimidade. No N. T. Só aqui e em 8:7. “Nas esculturas das catacumbas as mulheres têm uma cobertura ajustada, e os homens tinham o cabelo curto” – Vicent)» A. T. Robertson.

Nota Pessoal

Fico desapontado quando as irmãs vão à presença de Deus sem a cabeça coberta. Isto faz-me pensar muitas coisas: por um lado a insujeição que a mulher consciente ou inconscientemente revela para com Deus; e, por falta de ensino ou por não quererem aprender, estão a opor-se a Deus, a lutar contra o próprio Deus. Numa outra perspectiva vejo essa atitude, hoje genérica nas igrejas, como um reflexo do calibre espiritual dessas assembleias. Oro a Deus, para que Ele alargue a nossa visão a respeito do seu senhorio e autoridade, para que a plenitude da sua glória se manifeste no nosso meio.

Não fico menos desapontado e triste ao ver irmãs, mesmo na sua sinceridade, usando o véu para cobrir os seus cabelos curtos, aquelas que assim os têm! Pergunto-me: o que cobrem elas com o véu artificial, se não possuem glória (os cabelos compridos) para cobrir? Mostram vergonha, mas, mesmo tapando essa vergonha, descobrem a glória do homem...

Também é verdade que a principal razão dessas deficiências espirituais se deve à qualidade do ensino que é administrado nas igrejas. Lamento como se dão explicações de ordem cultural e temporal, para esclarecer uma realidade que é espiritual. Será que Deus muda com o desenvolvimento e transformação da cultura humana? Não estaremos a usar as mesmas armas dos inimigos de Deus, dos hereges romanistas, mormonistas, russelistas, entre todos os “istas” humanos, com as revelações, tradições e costumes que eles arrogam como de inspiração divina? Queremos nós contrariar aquilo que Deus disse, só porque não concordamos ou não nos é agradável adoptar? Como enfrentaremos o Grande Deus, diante do seu Trono, face àquilo que deveríamos fazer e não fizemos? Que razões vamos apresentar para desculpar a agressão que fazemos à sua glória?

O abandono do véu é o primeiro passo para adopção de outros modos e comportamentos no seio da igreja. As igrejas estão se confundindo com a cristandade e perdendo a sua identidade santa e distinta do mundo. E, se o ensino não for ministrado com todo o rigor, verdade, sinceridade e insistência, brevemente se verá as mulheres a falarem e ensinarem em público, a serem aceites nas igrejas membros que vivam em adultério, pastores homossexuais, e outros membros com outras práticas indecorosas. Os argumentos são os mesmos. E é o que alguns têm desejado; só estão à espera da oportunidade. Para muitas das igrejas da cristandade interessa é o número e as contribuições.

Tenho constatado, ainda, que aqueles que têm optado pelo abandono do véu não o fazem como resultado de um estudo exaustivo, sincero e pensativo na presença de Deus. A pressão do mundo é tremenda. A pressão das mulheres é persistente. E isso tem levado a anciãos e pastores a mudarem radicalmente as suas posições! Não resistem à pressão... e Deus é sempre aquele que tem que levar com as consequências! É indigno! Absolutamente indigno!

Que este estudo seja um apelo à consciencialização da verdade, uma chamada ao estudo da Palavra de Deus... e que Deus tenha misericórdia dos que resistem!

«Fiel é a palavra, e isto quero que deveras afirmes, para que os que crêem em Deus procurem aplicar-se às boas obras; estas coisas são boas e proveitosas aos homens. Mas não entres em questões loucas, genealogias e contendas e nos debates acerca da lei; porque são coisas inúteis e vãs. Ao homem herege, depois de uma e outra admoestação, evita-o, sabendo que esse tal está pervertido e peca, estando já em si mesmo condenado.» (Tito 3:8-11)

«E ao servo do Senhor não convém contender, mas, sim, ser manso para com todos, apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se, porventura, Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade e tornarem a despertar, desprendendo-se dos laços do diabo, em cuja vontade estão presos.» (II Timóteo 2:24-26).

«Mas, se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus.» (I Coríntios 11:16).

«**Mas quero que saibais...**» (I Coríntios 11:3);
«**Mas, se alguém ignora isso, que ignore.**» (Idem, 14:38).

Que o Senhor nos ajude a todos, para Lhe sermos “*agradáveis em tudo, frutificando em toda a boa obra*”, por sua maior glória e nossa santificação e bênção, Amén.

VPP

Índice

ÍNDICE			
Prefácio		2	
Introdução		3	
Comentário	O Véu na Escritura Sagrada		4
	O Significado do Véu	O Véu no Propósito de Deus	5
		O Véu na Criação do Homem	6
		O Véu na Criação da Mulher	6
		O Véu da Sujeição	7
		O Véu da Glória	8
		O Véu e o Senhorio de Cristo	11
		O Véu e a Glória de Deus	13
		Conclusão	16
	A Controvérsia		18
	Os Costumes do Apóstolo Paulo	20	
	Mais Preceitos do Apóstolo	23	
	A Mulher que Ora ou Profetiza	23	
	A Natureza de Deus	24	
	As Igrejas de Deus	26	
	Quando vos Ajuntais	27	
	O Senso Comum...	28	
	A Vergonha dos Crentes	28	
	Cabeça Coberta	29	
	Argumentos do Apóstolo em I Coríntios 11:1-16	31	
Exame Exegético		32	
Nota Pessoal		33	
Índice		35	

IGREJA EM "OLEIROS"

Rua do Fial, n.º 101

4539 OLEIROS